MILLÔR ESTRÉIA

E LEIA
veja

EDITÔRA ABRIL - N.o 13 - 4 DE DEZEMBRO DE 1968 NCr$ 1,00

O CONGRESSO PRESSIONADO:

CHEGAREMOS A ISTO?

CARTAS

TELEJORNALISMO

Sr. Diretor: Não é tão zero assim o telejornalismo! O que foi publicado em VEJA de 20/11, página 64, merece reparos: 1 — O video-tape da Rainha no Recife não foi exibido "no momento em que Sua Majestade desembarcava em Congonhas". Nós, do Canal 4, transmitimos na íntegra o desembarque, num trabalho técnico perfeito. 2 — O "programinha" de dez minutos que serve de intervalo entre as novelas trata-se do tradicional "Ultranotícias", que o Ibope (o terrível "diretor-artístico") brinda, regularmente, com um índice de 15 a 18% de audiência, isto é, cêrca de 600 mil telespectadores só na capital. VEJA tem razão: as duas novelas, uma antes e outra depois, beneficiaram o informativo, ùltimamente, dando-lhe um acréscimo de quase 50% de audiência. "Ultranotícias", durante tôda a crise de programação artística por que passou o Canal 4, manteve rigorosamente os seus índices de audiência. 3 — Protesto. Elizabeth não passou em brancas nuvens pelo telejornalismo paulista. Demos cobertura total à presença de Sua Majestade pelos três telejornais que mantemos diàriamente e, no dia em que encerrava sua visita a São Paulo, apresentamos um programa de duas horas, com retrospecto, em video-tapes e filmes, desde o Recife até São Paulo. Finalmente, achei leviana a afirmação final. Institucionalmente, o fenômeno não é só brasileiro. A televisão dá apenas um roteiro, em imagem, diàriamente, dos principais acontecimentos. Os detalhes, o desenvolvimento, a própria interpretação dos fatos, só o jornal escrito pode dar. As estações de televisão no nosso "analfabetizado" Brasil estão tentando colocar o telejornalismo a zero, mesmo. Acredite, a nossa luta não tem sido fácil. Não pense que as tentações do "mundo cão" não vivam ganindo com acenos financeiros aos que lutam pela notícia. O que importa não é dar ao povo aquilo que se lhe ensina a querer. VEJA precisa enxergar isto! E ajudar. Como? Escrevendo certo sôbre telejornalismo. Ajudando a ampliar suas áreas sem insinuar reduções ou circunscrições, mas também criticando construtivamente, para que êle cresça e melhore.
Walter Sampaio / Supervisor-Geral dos Informativos das Emissoras Associadas de São Paulo, de Rádio e TV.

VEJA

Sr. Diretor: Estou fascinado com a es-

continua na página 4

CARTAS

continuação da página 3

tupenda reportagem que VEJA publicou em 30/10, página 15, "Os lados da crise". Esta reportagem demonstra claramente que a revista simplesmente vê e informa, não tendo, portanto, preferência por êste ou aquêle lado.
Francisco Lucilio da Silva / Rio de Janeiro / GB

Sr. Diretor: Meus sinceros cumprimentos a VEJA, que, com apenas dois meses de vida, já se integrou perfeitamente no cenário jornalístico do Brasil, superando inclusive tradicionais veículos informativos, os quais apenas na quarta-feira é que estampam matérias já publicadas por VEJA na segunda-feira. Exemplos vivos desta superioridade são as reportagens-furo sôbre os choques estudantis da Maria Antônia, o congresso da UNE em Ibiúna — sendo que esta me deixou perplexo, uma vez que os acontecimentos se registraram de sábado para domingo, e já na segunda a revista estampava na capa o fato —, as conquistas espaciais da Apollo-7 e da Soyuz, o casamento de Jackie e a chegada da Rainha Elizabeth.
Marcos Vieira da Silva / Ex-correspondente do "Diário de São Paulo" / Iacanga / SP

"VOLTA" A RAINHA

Sr. Diretor: Gostaria de esclarecer ao leitor Raul Amorim, de São Paulo, que o Recife não é tão subdesenvolvido como êle pensa. Nossos cuidados para com a visita da Rainha são repetidos em todos os países do mundo, e nossa pobreza não chega a nos envergonhar. Envergonha-nos, sim, saber que existe um brasileiro tão pobre de inteligência que deturpe a imagem de um verdadeiro desenvolvimento.
Paulo Maranhão / Recife / PE

Sr. Diretor: Êsse coitado do Raul Amorim, de São Paulo, é um pobre de espírito. Não foi só no "pobre" Recife que o Govêrno gastou milhões para ver a Rainha passar. Tanto lá como na Bahia, Rio, Brasília e no "rico" São Paulo, os gastos foram imensos. Mas o melhor mesmo foram as gafes e grossuras das madames ricas e enfatuadas nas recepções, onde a maioria entrou de gaiato. Notadamente as paulistas, com aquêle ar de intocáveis. Subdesenvolvido não é apenas o Nordeste. É todo o Brasil, que é como é conhecido lá fora.
Yvette Gadêlha / Natal / RN

Sr. Diretor: Externamos a nossa repulsa por mais esta desconsideração com o povo brasileiro, os preparativos feitos por ocasião da visita da Rainha, que por sinal não manda nada nem mesmo em sua terra. Milhares de cruzeiros novos, tão necessários ao nosso desenvolvimento, foram desperdiçados para fornecer à visitante uma falsa visão do Brasil, através de uma farsa hipócrita em que colaboraram os podêres ditos públicos e a imprensa.
J.L. Pinheiro / Paulo Pereira / Antônio Campos / Mogi das Cruzes / SP

ESPORTE

Sr. Diretor: Desejo felicitá-los pela grande reportagem no México sôbre as Olimpíadas.
Aluísio M. Filho / Campo Maior / PI

HUMORISMO

Sr. Diretor: VEJA já se gabaritou em todo o público brasileiro como uma fonte de informação precisa e que se antecipa para melhor atender aos leitores. Achamos que só há uma lacuna a preencher: com tanta gente boa que existe na redação, está faltando um pouco de "riso", isto é, em meio a tantas informações diversificadas e de tanta seriedade, uma seção humorística "pegava" bem.
Carlos Queiroz / Belo Horizonte / MG

Sr. Diretor: Tenho visto pedidos de humorismo na seção "Cartas". Junto agora, aos já feitos, o meu também. Vi no "PS" de VEJA n.º 12 (27/11, página 11) umas piadinhas ilustradas bem inteligentes. Por que não tornar o humor uma seção também inteligente?
Rosa Christina / São Paulo / SP

Esta semana já publicamos a seção "Supermercado", em côres, do Millôr Fernandes.

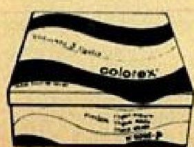
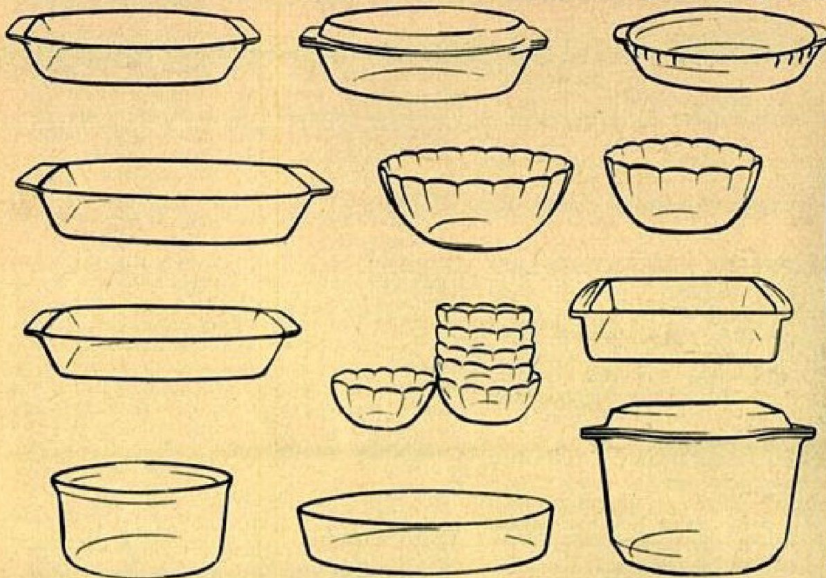
CAPA

Sr. Diretor: VEJA n.º 12 (27/11) traz uma capa excelente, bacanérrima! Como jovem, senti-me muito mais motivada a ler esta revista, porque esta capa é como que um "recado" à juventude. Gostaria de saber quem foi o seu autor.
Inês S. Perroni / São Paulo / SP

Cláudio Tozzi, artista plástico paulista, 4.º ano de Arquitetura na FAU—SP.

Sr. Diretor: Insisto em que não se dê apoio a êste movimento alienado que é o tropicalismo de dois fulanos antes tão geniais e hoje apenas preocupados em promoção grupista. Abaixo a capa do n.º 12 de VEJA!
Geraldo Feitosa / Rio de Janeiro / GB

Cartas para: Diretor de Redação, VEJA. Caixa Postal 2372, São Paulo, Capital.

há muitas mulheres na vida de um homem
Na hora de dar presentes é que se percebe. Espôsa, mãe, irmãs, tias, avós, cunhadas, primas. Ah, cuidado, não esqueça sua sogra. Ainda bem que existem as fôrmas Colorex transparente! Fáceis de encontrar, deixam qualquer mulher fascinada. Muito práticas, resistem a altas temperaturas e não lascam no uso diário. Facilite seus presentes, dê fôrmas Colorex transparente. E que preços! Você fará bonito gastando pouco.
conjunto 3 travessas Nº 6085-P
colorex
CONJUNTO SOBREMESA
SANTA MARINA
Nº 6095-P
colorex
TRANSPARENTE
UM PRODUTO SANTA MARINA

CINEMA

Belo Horizonte

QUANDO OS PEIXES SAÍRAM DA ÁGUA / Metrópole
Anglo-grego, de Michael Cacoyannis. 1972: um avião estratégico em pane é obrigado a jogar duas bombas atômicas no mar Egeu. Numa ilha próxima, turistas aprendem uma nova dança. No mar, peixes prateados dançam sôbre as ondas. Em um rochedo, Candice Bergen mostra sua beleza ao som da "Quinta Sinfonia" de Beethoven saída de um transistor. O diretor é o mesmo de "Zorba, o Grego" e "Electra". No elenco, também Tom Courtenay, Sam Wanamaker e Colin Blakely. Estréia quarta, 4.

O HOMEM QUE COMPROU O MUNDO / Tamoio
Brasileiro, de Eduardo Coutinho. Num país imaginário, um homem de aspirações simples, mas tão simples, que alguns trilhões herdados inesperadamente tornam sua vida insuportável. Ainda mais com a interferência de potências estrangeiras — também imaginárias. Elenco: Flávio Migliaccio, Marília Pêra, Jardel Filho, o travesti Rogéria e outros.

A VIDA PROVISÓRIA /Palladium
Brasileiro, de Maurício Gomes Leite. O autor é crítico de cinema e neste seu primeiro longa-metragem mostra que é também cineasta. O caráter biográfico faz de "A Vida Provisória" um filme único no cinema brasileiro. Com Paulo José, Dina Sfat, Mário Lago, Hugo Carvana, Márcia Rodrigues, José Lewgoy, Joanna Fomm.

Brasília

IV FESTIVAL DE CINEMA BRASILEIRO / Brasília
Segunda, 2: encerramento do Festival com o documentário "Folia do Divino", de Eliseu Visconti Cavalleiro, e "Capitu", de Paulo César Saraceni. Às 21h. Em seguida, entrega dos prêmios.

CINEMA ITALIANO / Auditório da Escola Parque
Sábado, 7: "O Evangelho Segundo Mateus", de Pier Paolo Pasolini. Domingo, 10: "Os Companheiros", de Mario Monicelli, com Marcelo Mastroianni. Dois dos melhores filmes italianos dos últimos anos.

Curitiba

VOCÊ É CONTRA OU A FAVOR DO DIVÓRCIO? / Lido
Italiano, de Alberto Sordi. Uma grande massa popular reivindica o divórcio. Repórteres perguntam qual a posição de cada um. Na saída de sua casa, um burguês comendador (Alberto Sordi) responde "não". E o filme começa a mostrar as causas do não. Sátira implacável à hipocrisia burguesa, bem dentro do esquema episódico a que Alberto Sordi está acostumado. Com Giulietta Massina, Silvana Mangano, Anita Ekberg. Quarta, 4.

DESCALÇOS NO PARQUE / Rivoli
Americano, em côres, de Gene Saks. Uma peça teatral, já apresentada no Brasil, seguida ao pé da letra. Jane Fonda e Robert Redford, recém-casados, vão morar num apartamento: o único problema é o vizinho (Charles Boyer), que sabota a vida conjugal dos pombinhos. A peça é seguida tão ao pé da letra, que o diretor até esquece de fazer cinema. Quarta, 4.

Pôrto Alegre

EM TERRITÓRIO INIMIGO / Imperial
Americano, em côres, de Harry Keller. Paris, 1939: o chefe do Serviço de Espionagem francês (Tony Franciosa) é capaz até de entregar sua namorada (Anjanette Comer) a um barão alemão (Paul Hubschmid) para obter informações. Alemanha, 1943: para destruir uma fábrica de torpedos, Tony Franciosa usa a ajuda da ex-namorada, fiel espôsa do barão mas fiel patriota francesa. O diretor empurra a narrativa com tédio e displicência.

ÁLAMO / Rex
Americano, em côres, de John Wayne. Cento e poucos texanos e mexicanos resistem heròicamente às investidas do General Santa Ana contra o Forte Álamo, no Texas, em 1836. Relato histórico, com muitas mortes e bravuras. Durante o perigo, John Wayne divide a liderança com Laurence Harvey e Richard Widmark, mas nas horas de folga não divide com os companheiros o amor de Linda Cristal.

O HOMEM QUE VEIO DE LONGE ("BOOM") / Guarani
Inglês, em côres, de Joseph Losey. Entre uma tossida e outra, Elizabeth Taylor, milionária doentia e decadente, se preocupa com a derrocada dos valôres que impôs em sua ilha, ameaçados pelo poeta Richard Burton. Da história de Tennessee Williams, Losey fêz um filme luminoso (ao sol da Grécia, com cenários "clássicos"), conforme exigência do casal Burton—Liz.

Recife

II MOSTRA DE CURTOS HOLANDESES / Teatro Montagem
Têrça, 3: "A Casa", de Louis Van Gasteren (1951); "Um Domingo na Ilha de Grande Jatte", de Franz Weisz (1965); "Artes Gráficas", de Harry Van Kruiningen (1963). Quarta, 4: "Nós, Surinameses", de Peter Creutzberg (1961); "Fechem o Delta", desenho animado de Halas e Bachelar; "Domingo na Holanda", de Jan Van Der Hoeven (1963); "Retrato de Franz Hals", de Franz Dupont (1963). Às 21h. Entrada franca. Avenida Conde da Boa Vista, 385.

OS 26 DO EXPRESSO POSTAL / São Luís
Anglo-americano, de Peter Yates, com Stanley Baker e Joanna Pettet. Em 1963, 26 homens levaram quinze minutos para roubar 2 740 000 libras do trem Glasgow—Londres. No filme, são duas horas para contar a história do roubo, devidamente alterada para que se tire a moral de que "o crime não compensa". Se a fuga dos ladrões tivesse sido tão lenta quanto o filme, êles teriam sido presos muito mais depressa (Bruce Reynolds, o cérebro do assalto, só foi prêso duas semanas atrás, perto de Londres). Domingo, 8.

CORAÇÕES DESESPERADOS / Moderno
Anglo-americano, em côres, de Jules Dassin. Embriagada, desajustada sexualmente, indiferente ao marido (Peter Finch), Melina Mercouri faz o possível para o atirar nos braços de Romy Schneider. Mas também faz o possível para salvar a vida de um homem que matou sua mulher, uma adúltera.

Salvador

O INCIDENTE / Tamoio
Americano, de Larry Pierce. Numa noite qualquer, quinze passageiros de um metrô nova-yorkino voltavam para casa. Um incidente acontece: dois marginais começam a agredi-los. Uma parábola da falta de solidariedade humana, a revelação de um diretor do cinema independente americano. A partir de segunda, 2.

A PISTOLA DO MAL / Excelsior
Americano, em côres, de Jerry Thorpe. Dois homens que se odeiam solidarizam-se para libertar uma mulher. O problema depois é saber quem fica com a mulher. Um "western" que só tem de nôvo o fato de ser americano. A partir de segunda, 2.

O HOMEM QUE VEIO DE LONGE ("BOOM") / Bahia
Veja a indicação para Pôrto Alegre.

Rio

UM DIA DE ENLOUQUECER / Alvorada
Italiano, de Mauro Bolognini. Em 1960, quando o filme foi feito, o diretor era colocado entre os melhores do cinema italiano. Jean Sorel anda pelas ruas e subúrbios de Roma numa noite de verão, envolvendo-se numa trama sôbre a falta de perspectiva dos jovens proletários italianos. Com Laurent Terzieff, Lea Massari, Rik Battaglia e Jeane Valerie.

O ESTRANGEIRO / Roxy, Bruni-Copacabana
Italiano, em côres, de Luchino Visconti. Na Argélia de 25 anos atrás, cenário do romance de Albert Camus, uma pequena história absurda: o funcionário Mersault vai ao entêrro da mãe, assiste a um filme cômico e dorme com a namorada no dia seguinte; mete-se numa briga que não é sua, mata um árabe "por causa do sol" e, condenado à guilhotina, aguarda a execução confessando que "fôra feliz e o era ainda", pedindo apenas que a multidão o acolhesse "com gritos de ódio". O romance inteiro de Camus (1913—1960) está no filme de Visconti, menos uma frase essencial: "O homem é mais homem pelas coisas que cala que pelas coisas que diz". Compreender o silêncio de Mersault equivale a ler o livro várias vêzes para mergulhar na mente de um dos personagens mais complexos e ambíguos da literatura moderna. Visconti comete alguns erros graves, como o de dar ênfase (música estridente, inclusive) em certos trechos da história que Camus escreveu sem um único ponto de exclamação, e ao escolher Marcelo Mastroianni (um ótimo ator) para um papel que pedia uma cara anônima. Mas o trabalho de reconstituição, como em todos os filmes de Visconti, é prodigioso, e o sol e o calor que vão de ponta a ponta do filme marcam bem o desespêro dêste estrangeiro, estranho ao mundo, estranho ao árabe que mata sem saber por que, mas que já era o próprio símbolo de uma Argélia que talvez um dia se rebelasse.

Geraldo Mayrink

São Paulo

COMO GANHEI A GUERRA / Gazeta
Inglês, de Richard Lester. Um filme muito parcial: o diretor Richard Lester dirige desta vez sòmente um Beatle (John Lennon). E o Beatle Lennon, em vez de aparecer totalmente nu (como na capa de seu último disco), mostra apenas o torso desnudo. Êle e mais oito soldados mostram como venceram a guerra sem fazer fôrça.

TEATRO

Belo Horizonte

AUTO DA COMPADECIDA / Marília
De Ariano Suassuna. Direção de João Etienne Filho. As malandragens de João Grilo, que leva todo mundo na conversa: um otário qualquer, o Bispo, e Nossa Senhora, que o perdoa por considerá-lo uma "vítima das circunstâncias". Montagem do Teatro Popular de Arte, de Belo Horizonte. De têrça a domingo, às 21h. Vesperal domingo, às 17h.

MARIA MINHOCA / Marília
Peça infantil de Maria Clara Machado. Direção de Priscila Freire. Estréia domingo, 8, às 10h. Avenida Alfredo Balena, 586. Tel. 24-3021.

Pôrto Alegre

ENCICLOPÉDIA OU SEIS MESES DE UMA ENFERMIDADE / Leopoldina
De Qorpo Santos, dramaturgo gaúcho do século passado (1833-1883), considerado um precursor do "teatro do absurdo". "Enciclopédia" é sobretudo a vingança satírica de Qorpo Santos contra a província que não soube compreender a graça de seu teatro nem as excentricidades de sua vida. Grande elenco e três diretores: Antônio Carlos Senna, Cláudio Heemann e Delmar Mancuso. Música especial de Flávio Oliveira. Estréia quinta, 5, às 21h.

REVOLTA DOS BRINQUEDOS / Arena
Peça infantil de Pernambuco de Oliveira, habitualmente dedicado à cenografia. Direção de Alba Rosa. Domingo, 8 às 10h.

Recife

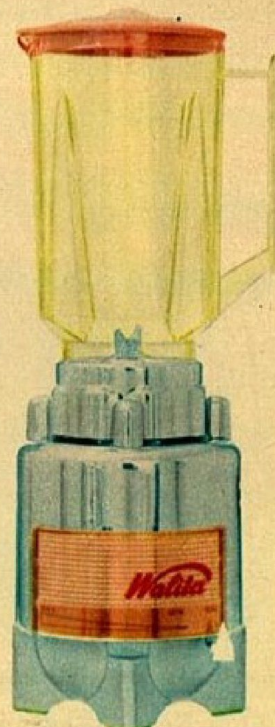
O BURGUÊS FIDALGO / Santa Isabel
De Molière (século XVII). A tradução de Sérgio Pôrto — recheada de gíria — acentua a atualidade do texto de Molière. Um nôvo-rico (Paulo Autran) tenta ingressar na nobreza e o que consegue é o ridículo. Excursão da peça, financiada pelo Govêrno do Paraná e já apresentada em várias cidades. Dìariamente, menos segunda, às 21h.

LEONOR DE MENDONÇA /
TV Universitária
De Gonçalves Dias (poeta maranhense, 1823-1864), que escreveu esta sua última peça teatral em 1847. Direção de Milton Baccarelli. Elenco formado por alunos do Curso de Teatro da UFPe. Sòmente segunda, 2, às 21h30.

Rio

PROMETEU ACORRENTADO /
Teatro Jovem
Tragédia de Ésquilo (grego, 525-456 a.C.) Pelo Teatro de Picadeiro, do Recife, direção de Fernando Pinto. Prometeu rouba o fogo de Júpiter e expõe-se à ira do deus-maior, permitindo o surgimento de semi-deuses que duvidam da autoridade de Júpiter. Espetáculo despojado, em palco nu. Só essa semana, às 21h30. Praia do Botafogo, 522.

LINHAS CRUZADAS / Copacabana
Comédia britânica de Alan Ayckbourn. Di-

continua na página 8

TEATRO

continuação da página 7
reção de João Bethancourt. O casal Tarcísio Meira-Glória Menezes, consagrado pela televisão, mais Paulo Gracindo-Yara Côrtes numa comédia bem da linha do produtor Oscar Ornstein (de "Quarenta Quilates"). Estréia têrça, 3, às 21h. Avenida Nossa Senhora de Copacabana, 327. Tel. 57-1818.

A VIRGEM PSICODÉLICA / Santa Rosa
De Leslie Steven, devidamente adaptado ao espírito da atriz Dercy Gonçalves, que se propõe a uma "rebelião de princípios". Uma mulher muito burra procura um sábio para gerar-lhe um filho muito inteligente. Com exceção de segunda, às 21h30. Sábado às 20 e 22h. Vesperais: domingo, às 18h, e quinta, às 17h. Visconde de Pirajá, 22. Tel. 47-8641.

Salvador

PAPAI NOEL COLORIDO / Castro Alves
Peça infantil de Pascoal Lourenço. Papai Noel passa a existir no dia em que mostra sua carteira de identidade. Direção de Lucia di Sanctis. Sábado e domingo, às 17h.

PARQUE DE DIVERSÕES / Castro Alves
De Adson Lemos. Para libertar um pipoqueiro, prêso por brigar com um sorveteiro, uma fada reúne personagens de histórias infantis: Cinderela, Gata Borralheira, Branca de Neve, etc. Direção de Lucia di Sanctis. Na concha acústica do Teatro, sábado e domingo, às 17h.

CARLOS NAMBA

MacBird: Kenn O'Dunc é a vítima.

São Paulo

MACBIRD! / Ruth Escobar
Sátira da americana Barbara Garson, de 26 anos, que acusa o casal Lady Bird-Lyndon Johnson do assassínio do Presidente John Kennedy. Direção de Augusto Boal. Presentes no elenco, Renato Consorte e Etty Fraser, em tom caricatural, fazem o casal Johnson. Rua dos Inglêses. Diàriamente, às 21h.

OS FUZIS DA SENHORA CARRAR / São Pedro
De Bertolt Brecht (alemão, 1898-1956). Encenada pelo TUSP (Teatro dos Universitários de São Paulo), primeiro em São Paulo, depois no Rio e agora novamente em São Paulo, com poucas alterações. Direção de Flávio Império. A Senhora Carrar (Rosely Lacreta) esconde seus filhos e fuzis, tentando manter-se alheia à Guerra Civil Espanhola (1936-1939). Rua Albuquerque Lins, 171. Segunda e quarta, às 21h. Quinta e sexta, às 16 e 21h. Sábado às 20 e 22h. Domingo, às 19 e 21h.

ZOO STORY / Arena
De Edward Albee (americano, quarenta anos), autor de "Quem Tem Mêdo de Virginia Woolf?". Dois desconhecidos num banco de praça. Conversa, discussão. O pequeno-burguês esfaqueia o marginal. Paulino Raffantil e Dercio Armando interpretam. Direção de Hélio Fernandes. Aos sábados, 16h.

NOITES BRANCAS / Itália
De Fiodor Dostoiévski (russo, 1821-1881). Adaptação de Edgar Gurgel Aranha. Direção de Osmar Rodrigues Cruz. O coração de Débora Duarte (num papel já interpretado no cinema por Maria Schell) entre dois pretendentes: um, bom e tímido; outro, inescrupuloso e oportunista. Odarlas Petti também está no elenco. De quarta a sexta, às 21h. Sábados, às 20 e 22h. Domingo, às 18h30 e 21h. Avenida São Luiz, 50. Tel. 32-3139.

GALERIAS

Belo Horizonte

ACERVO / Triângulo
Fukushima, Tamie Ohtake, Yolanda Mohalyi, Iberê Camargo, Ana Letícia, Grassmann, Bazinski, Teruz, Inimá, Chanina, Aldemir Martins, Farnese de Andrade, Darel. Pode ser visto de segunda a sexta, das 9 às 22h. Sábado, das 9 às 13h. Rua Rio de Janeiro.

PETER WIEMERS / Adega 1 300
Holandês radicado em Belo Horizonte. Pintura de temática social. Rua da Bahia, 1 300, das 12 às 24h.

MASSIMO SIGNORINI / Porão
Pintor italiano. Ao mesmo tempo, acervo com obras de Inimá. Marcelo Grassmann, Oswaldo Santiago, Chanina, Yara Tupinambá, Wakabayashi e outros. Avenida João Pinheiro, 628, das 12 às 24h.

ESCOLA GUIGNARD / Imprensa Oficial
Professôres e alunos da Escola Guignard expõem seus trabalhos. Saguão interno. Avenida Augusto de Lima, 170. Diàriamente, das 7 às 20h.

HEIDER SILVA / Chez Bastião
Mineiro. Temática primitiva. Vinte e oito quadros, com predominância de côres claras, ao preço médio de NCr$ 200,00. Diàriamente, das 14 às 24h. Rua Alagoas.

Brasília

COLETIVA DE GRAVURA / Encontro
Gravadores brasileiros: Bandeira, Di Cavalcanti, Marcelo Grassmann, Newton Cavalcanti, Darel, Gerschman, Scliar, Guignard e Sued. Até 27 de dezembro.

Curitiba

FERNANDO VELOSO / Toca
Pintor paranaense formado pela Escola de Belas-Artes de Curitiba. Estudou em Paris, com André Lhote, em 1960. Expõe vinte quadros abstratos, pintados nos três últimos anos. Rua Clotário Portugal, esquina da Alamêda Isabel. De segunda a sábado, até 21h.

Pôrto Alegre

DANÚBIO GONÇALVES / Museu de Arte do Rio Grande do Sul
Gravador gaúcho. Expõe trabalhos abstratos. Inaugura têrça, 3. Diàriamente, em horário comercial.

ÊNIO LIPMANN / Instituto dos Arquitetos do Brasil
Gaúcho, trabalhos abstratos. Diàriamente em horário comercial, até quinta, 5. Rua Professor Annes Dias, 166, sobreloja.

Recife

ARTESANATO DE COURO / Oficina 154
José Tavares, Sílvia Pontual, Gilberto Dantas e Paulo Neves expõem 3 mil peças feitas com couro cru, queimado, pintado e gravado. Preços de 5 a 35 cruzeiros novos. Incluem brincos, anéis, bôlsas, cintos, carteiras, pulseiras e outros objetos. Olinda.

HISTÓRIA DO CARNAVAL / Museu do Carnaval
Fantasias, instrumentos musicais, bonecos do maracatu e a história do carnaval, na única entidade do gênero existente no Brasil. Pátio de Santa Cruz.

COLETIVA / Retiro
Doze trabalhos de Zezé Malta, Nilse, Sílvio, Roque, Teresa Carmen e Maria do Carmo. Cerâmicas, gravuras, desenhos e pinturas a óleo. Rua Treze de Maio, 25. Olinda.

MIRTES MOURA CARDOSO / Sindicato dos Comerciários.
Mirtes, de 42 anos, estudou na Escola de Belas-Artes do Recife. Expõe 34 pinturas a óleo, figurativas. Até sexta, 6. Rua da Imperatriz, 67.

Rio

CARLOS SCLIAR / Relêvo
Pintor e gravador. Numerosas exposições individuais no País e no exterior, desde 1935. Expõe pinturas com colagens. Avenida Copacabana, 252, telefone 37-1767.

A GRAVURA BRASILEIRA / Museu Histórico Nacional
Cento e cinqüenta e dois gravadores brasileiros, numa visão panorâmica da gravura no Brasil, dos seus inícios aos dias de hoje. Até o fim do mês. Praça Marechal Âncora.

ARTE CEMITERIAL / FOTOGRAFIAS Goeldi
Seleção feita entre 3 mil fotografias tomadas em cem cemitérios de várias regiões, por Clarival do Prado Valadares, documentando a arte cemiterial brasileira. Rua Prudente de Morais, 129.

HRAIR / Bonino
Pintura em estilo bizantino do libanês Hrair primeiro prêmio do Museu Sursock do Líbano. Rua Barata Ribeiro, 578.

FRANK SCHAEFFER / Agir
Mestre de vários artistas brasileiros contemporâneos. Professor de pintura, detentor de

numerosas premiações. Expõe pintura e desenho. Rua México, 98-B. Última semana.

DESENHO INDUSTRIAL 68 / Museu de Arte Moderna
Bienal Internacional do Rio de Janeiro. Criações brasileiras, americanas, inglêsas e canadenses, mostrando a arte aplicada à indústria.

ALICE HOYT PALMER / Rua Melvin Jones, 5 — 20.º andar
Pintura, colagem e esboços da pintora e fotógrafa de arte americana.

GERDA BRENTANI / Voltaico
Paulista. Mostra de desenhos satirizando a máquina, com apresentação de Tarsila do Amaral. Rua Barata Ribeiro, 810, sobreloja.

MARILIA KRANZ / Oca
Pintura geométrica. Primeira individual da jovem artista, que usa, além de materiais tradicionais, tinta vinílica sôbre suportes de eucatex. Rua Jangadeiros, 14-C.

Salvador

ANA GEORGINA / Panorama
Terceira individual: quinze telas a óleo e cinco tapeçarias, em estilo figurativo moderno, usando como tema flôres e insetos. Ana participou neste ano de uma coletiva no Cornell University Medical College, de Nova York. Inaugura quinta, 5. Até 18, à Avenida Leovigildo Filgueiras, 24. Dias úteis, das 9 às 12h e das 14 às 22h. Domingos, das 18 às 22h.

OSCAR CAETANO / Le Dôme
Professor nas Faculdades de Engenharia e Arquitetura. Vinte trabalhos a óleo (marinhas, casarios e figuras). Inaugura quinta, 5. Até 25, das 17 às 22h. Aos domingos, das 19 às 22h. Rua Santa Clara do Destêrro, 38.

Teixeira: "O Barco das Meninas".

São Paulo

ARTISTAS DA BAHIA / A Galeria
Pinturas, desenhos, tapeçarias, entalhes, esculturas e gravuras de onze artistas baianos: Carybé, Calasans Neto, Jenner Augusto, Mário Cravo, Emanuel Araújo, Geraldo Rocha, Fernando Coelho, José Maria, Floriano Teixeira, Rubico e Zu Campos. Rua Bela Cintra, 741. Diàriamente, das 14 às 22h30, até 9. Fechada no domingo 8.

ARTISTAS DO NORTE E NORDESTE / Clube dos Lojistas / Lojicred
Vinte artistas, representativos do Norte e Nordeste. Entre êles, Chico Silva, índio acreano premiado na Bienal da Veneza (primitivo); Helena Magalhães, fazendeira em Jequié (Bahia), pinta baianas com elementos barrocos; Ladjane Bandeira, pintora e desenhista pernambucana, já expôs na Europa e nos Estados Unidos; e Moacir Andrade, amazonense que fixa sua terra (águas, florestas, flôres, peixes, pássaros e o homem na habitat inóspito). Rua Iguatemi, 1191.

VERGARA / Art-Art
Primeira individual em São Paulo do jovem artista (27 anos) que, a partir de 1963, tem participado de todos os salões modernos e exposições de vanguarda, inclusive do Salão da Pintura Jovem, de Paris. Rua Oscar Freire, 809. Até quarta, 4.

GENARO / Astréia
Tapeçarias e pinturas inspiradas na flora e fauna brasileiras. Apresentação de Clarival do Prado Valladares. Praça Ramos de Azevedo, 209, sobreloja.

II EXPOSIÇÃO JOVEM ARTE CONTEMPORÂNEA / Museu de Arte Contemporânea
Trinta e dois desenhistas e doze gravadores de diversos Estados, entre êles os cinco premiados: João Osório Brzezinski, Vítor Décio Gerhard, Fernando Lion, Terezinha Veloso e Ana Maria Maiolino. Pavilhão da Bienal, Ibirapuera.

HISTÓRIA DA GRAVURA NO BRASIL I / Banco de Crédito Nacional
Lançamento de álbum de gravuras assinadas, em edição de Júlio Pacello. Obras de Babinski, Edith Behring, Darel, Djanira, Goeldi, Marcelo Grassmann, Mário Gruber, Evandro Carlos Jardim, Trindade Leal, e xilogravuras populares. Quinta, 5, às 19h. Avenida Paulista, 2 073 — Conjunto Nacional, loja 110-A.

PRIMEIRA MOSTRA ESTUDANTIL DE ARTES PLÁSTICAS / Pavilhão da Bienal Ibirapuera
Artistas-estudantes mostram seus trabalhos em promoção do Cursinho do Grêmio da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo.

CARLOS BRACHER / Auditório Itália
Pintor mineiro, premiado no Salão Nacional de Belas-Artes do Rio de Janeiro (1968). Inaugura têrça, 3, às 18h30.

CALENDÁRIO

Belo Horizonte

SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE FISIOLOGIA NUCLEAR E DIFERENCIAÇÃO / Reitoria da UFMG
Cientistas de várias partes do mundo discutem temas ligados à fisiologia nuclear. Patrocínio da Academia Brasileira de Ciências, Universidade Federal de Minas Gerais, Comissão Nacional de Energia Nuclear, CAPES, Universidade do Texas (EUA) e outras entidades brasileiras e americanas. Até Sexta, 6. Pampulha.

Estância (SE)

I FESTIVAL ESTANCIANO DA CANÇÃO
Música popular, abrangendo Sergipe, Alagoas, Pernambuco (Recife) e Bahia (Salvador). Prêmios, uma rosa de ouro e dinheiro, para os três primeiros lugares. Primeira eliminatória sábado, 7.

Rio

FEIRA DE AMOSTRAS DA ILHA DO GOVERNADOR / Praia do Zumbi
Variedades. Promoção do Ministério da Indústria e Comércio, do Conselho Comunitário local e do Jequiá Esporte Clube. Até sábado, 7.

São Paulo

FLÔRES PARA SÃO PAULO E 41.ª EXPOSIÇÃO DO CÍRCULO PAULISTA DOS ORQUIDÓFILOS / Pavilhão da Bienal, Ibirapuera
Cultivadores paulistas expõem orquídeas e a Primeira Campanha Flôres para São Paulo participa. Promoção da Secretaria de Turismo da Prefeitura.

VI SALÃO DO AUTOMÓVEL / Ibirapuera
Todos os veículos produzidos pela indústria nacional, desde carros de corrida até tratores. Shows. Diàriamente, menos segunda, 2, das 15 às 23h. Até domingo, 8.

MÚSICA

Belo Horizonte

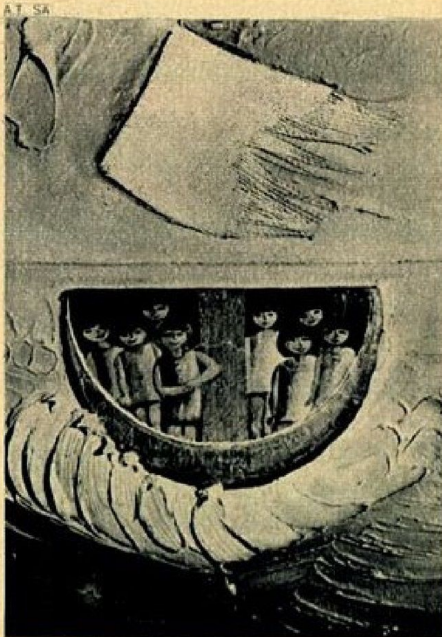
SINFÔNICA DA UFMG / Instituto de Educação
Carlos Alberto Pinto Fonseca rege a Orquestra da Universidade Federal. Programa: "Concêrto para Piano e Orquestra", de Khatchaturian (contemporâneo, 65 anos). Solo de Eudóxia de Barros. Quinta, 5, às 21h.

Pôrto Alegre

TOSCA / Auditório Araújo Viana
Ópera de Puccini (italiano, 1858—1924). Promoção da Divisão de Cultura da Prefeitura. Colaboração da OSPA (Orquestra Sinfônica de Pôrto Alegre), regência do argentino Juan E. Martini. Sexta, 6, e domingo, 8, às 21h.

Recife

SINFÔNICA DO RECIFE / Santa Isabel
Regência de Vicente Fittipaldi. Programa: abertura da ópera "Semíramis", de Rossini (romântico, 1792—1868); "Concêrto para Fagote e Orquestra", de Vivaldi (barroco, entre 1675 e 1678—1741); ária da ópera "A Flauta Mágica", de Mozart (clássico, 1756—1791); "Cantilena da Quinta Bachiana", de Vila-Lôbos (nacionalista, 1887—1959); ária da ópera "La Traviata", de Verdi (românti-

Continua na página 10

MÚSICA

Continuação da página 9
co, 1813—1901); "Romeu e Julieta", de Tchaikowsky (romântico, 1840—1893); "Concêrto para Violino e Orquestra", de Bruch (romântico, 1838—1920). Solistas: Lauracy Benevides (canto), Luís Caetano da Silva (fagote), Cussy de Almeida (violino). Segunda, 2, às 21h.

RECITAIS DE PIANO / Santa Isabel
Solistas da Orquestra Sinfônica do Recife. Quarta, 4: Andréia da Costa Carvalho. Programa: Mozart, Chopin (romântico, 1810—1849), Bach (barroco tardio, 1685—1750), Vila-Lôbos, Ernesto Nazaré (semi-erudito, 1863—1934). Quinta, 5: Wilson Alves Monteiro. Programa: Chopin, Debussy (impressionista, 1862—1918), Mozart, Vila-Lôbos e Bach. Ambos às 17h.

Rio

ORATÓRIO RIO DE JANEIRO / Teatro Municipal
Henrique Morelenbaum rege o côro e Orquestra do Municipal. Primeira parte do programa: abertura e cavatina da ópera "O Barbeiro de Sevilha", de Rossini; "Rapsódia para um Tema de Paganini", de Rachmaninof (romântico tardio, 1873—1943), executada pelo pianista Jacques Klein. Segunda parte: primeira audição do oratório "Rio de Janeiro", de Edino Krieger (contemporâneo brasileiro, quarenta anos). Solistas: João Alberto Person (tenor) e Fernando Teixeira (barítono). Domingo, 8, às 20h45.

Salvador

SINFÔNICA DA UNIVERSIDADE / Reitoria
Carlos Veiga rege a Orquestra da UFBa, no encerramento da temporada de 1968. Estudantes executam peças de Bach. Sexta, 6, às 21h.

São Paulo

CONCÊRTO AUDIOVISUAL / Cine Belas-Artes
Programa: "Les Noces", de Stravinsky (contemporâneo, 86 anos), com o côro, orquestra e solistas da Ópera Nacional de Paris. Regente: Pierre Boulez. "Missa da Coroação", de Mozart, com Sinfônica Pró-Música de Viena. Regente: Jasche Horenstein. Domingo, 8, às 10h30. Entrada franca.

DIVERSÕES

Recife

RECITAL DE ZÉLIA BARBOSA / Teatro Popular do Nordeste
Considerada a melhor cantora do Nordeste. Dom Helder é um de seus fãs. Programa: músicas francesas, russas e brasileiras (Noel Rosa, Elton Medeiros, Paulinho da Viola). Acompanhamento do Trio TNP. De quarta, 4, até dia 15. Às 21h, menos segundas.

PAVILHÃO E CIRCO / Atêrro da Rua da Aurora
Lado a lado, o "Pavilhão da Alegria" (roda-gigante, barracas de prendas, bingo, etc.) e o "Gran Bartholo Circus", com o Capitão Vasques domando feras e Vud Vasques, de doze anos, com sua motocicleta no "globo da morte", além de palhaços, trapezistas e malabaristas. Diàriamente, às 20h, e vesperais sábados e domingos.

Rio

É SAMBA MESMO / Rancho Alegre
Show de samba dirigido por Haroldo Costa, com Neide da Mangueira, Ilza da Imperatriz Leopoldinense e a bateria dos Unidos de Vila Isabel. Sextas, sábados e domingos, à 1h30. Estrada de Itanhangá, 219. Tel. 99-0652 e 99-0343.

CARMINHA MASCARENHAS / Sarau
Mais Mirzo Barroso, Tuca Trio, Tereza Khouri e Shirley Baiana. Elas acabam de chegar dos EUA, onde tiveram muito sucesso. Rua Gustavo Sampaio, 840. Leme.

Salvador

MÚSICA POPULAR BRASILEIRA / Castro Alves
Show do conjunto MPB-4 e das baianas Cynara e Cybele. De quarta, 4, a domingo, 8, às 21h.

São Paulo

IV FESTIVAL DE MÚSICA POPULAR BRASILEIRA / Teatro Record Centro
Última das três eliminatórias. Mais doze músicas, para serem selecionadas no máximo oito: quatro pelo júri "popular" e quatro pelo júri "especial". Total de prêmios: NCr$ 100 000. As músicas: Atento-Alerta, de Egberto Gismonti e Paulo Sérgio Valle; Bem-vinda, de Chico Buarque de Hollanda; Boletim, de Marconi C. Silva e Hilton Acioli; Cantiga, de Caetano Zamma e José Carlos Queirós Telles; Casa de Bamba, de Martinho José Ferreira; Dom Quixote, de Arnaldo Dias Batista e Rita Lee Jones; A Família, de Ari Toledo e Chico Anísio; São São Paulo, Meu Amor, de TomZé; Sem Mais Luanda, de Joyce e José Rodrigues; Sentinela, de Milton Nascimento e Fernando Brandt; Tôdas as Ruas do Mundo, de Fernando César e Elizabeth Sanches; O Viandante, de Novelli e Wagner Tiso. Avenida Brigadeiro Luís Antônio. Segunda, 2, às 22h.

MARIA BETHANIA / Blow-Up
Maria Bethania canta baião, música "cafona", estilo tropicália e romântica, acompanhada pelo octeto de Luís Carlos Vinhas; Bruno, guitarra, Raul, trombone, Dorimar e Bill, pistons, Chacal, tumbadora, Arruda, bateria, Cláudio, baixo, e o próprio Vinhas no piano. Diàriamente, 0h30, Rua Augusta.

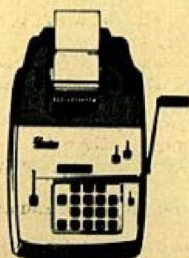
JOHNNY ALF E ANA LÚCIA / Boate Canto Terzo
Acompanhados pelo conjunto. Contraponto, de Johnny Alf. Às quintas, sextas e sábados. Nos outros dias, Elody e ZéLuís, com músicas conhecidas, e inéditas. Rua Major Sertório, 684.

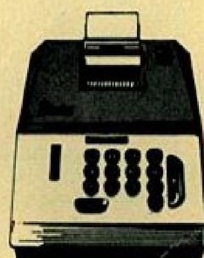
SÃO SÃO PAULO, MEU AMOR / Ponto de Encontro
O baiano TomZé faz declaração de amor a São Paulo, mas satiriza a gravata do habitante diário do centro. Canta suas últimas composições (inclusive a que serve de título do show) e alguns números antigos. Às quintas, 21h30. Galeria Metrópole.

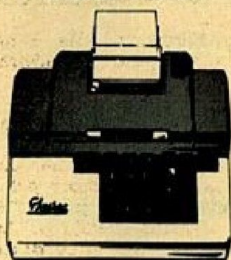
PS

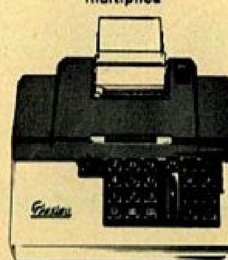
Barão de Itararé: 60 anos de jornalismo alegre.

Criador de numerosas frases hoje incluídas na linguagem nacional, Aparício Torelli, Barão de Itararé, o mais velho humorista brasileiro, comemora êste mês sessenta anos de jornalismo (começou em 1908 no jornalzinho de colégio "Capim Sêco", que satirizava a disciplina dos padres jesuítas de São Leopoldo do Sul). Após a I Guerra Mundial, abandonando o curso de Medicina no quarto ano, começa a escrever no jornal "O Globo", do Rio de Janeiro, e cria em 1926 o jornal humorístico "A Manha", que o leva à prisão durante o Estado Nôvo. Em homenagem aos sessenta anos de jornal do Barão de Itararé, aqui estão algumas de suas frases:
"Negociata é um bom negócio para o qual não fomos convidados."
"As mulheres de certa idade não têm idade certa."
"O mar é mar quando tem uma margem só; quando tem duas, é rio."
"Anistia é um ato pelo qual o Govêrno resolve perdoar generosamente as injustiças que êle mesmo cometeu."
"Casaca é uma encadernação de luxo que, em geral, vale muito mais que o livro."
"Não há regra onde cada caso constitui uma exceção."
"Sim. É de capim que nós precisamos enquanto formos bêstas."
"Há mulheres que amam um só homem. Um só de cada vez."
"O coração do bicheiro não tem palpitações, mas palpites."
"O fardo do matrimônio é tão pesado que é preciso, pelo menos, duas pessoas para carregá-lo. E às vêzes três."
"A França teve um Mirabeau. Mas é no Brasil que se passam as coisas verdadeiramente mirabolantes."
"Mulher bonita não regenera: descansa."
"Toureiro é um açougueiro vestido de tenor para cantar a 'Cármen'."
Além de cunhar frases tornadas de uso comum, o Barão de Itararé ficou famoso pelas manchetes inventadas para o seu jornal "A Manha". Em março de 1952, quando os desastres na Estrada de Ferro Central do Brasil se repetiam, apesar do tom de otimismo com que o Govêrno falava de providências, a manchete foi: "Vão melhorar os desastres da Central."
Em 1954, quando se avolumaram os boatos em tôrno da deposição do Presidente Getúlio Vargas:
"Há qualquer coisa no ar, além dos aviões de carreira."
Comentário à sentença do Juiz Geraldo Irineu Joffili, do Rio de Janeiro (então Distrito Federal), que absolveu vários acusados da prática de pif-paf num apartamento de Copacabana: "Estamos de acôrdo. O pif-paf não é jôgo de azar. Azar é perder o dinheiro no pif-paf."
Em 1928, quando "A Manha", fundada dois anos antes, alcançava o auge da popularidade, a vocação de pesquisador de Aparício Torelli o leva a fechá-lo para dedicar-se a pesquisas sôbre a febre aftosa. Sua comunicação científica à Academia Nacional de Medicina Veterinária estava porém destinada a causar escândalo entre os cientistas porque terminava com a expressão: "Aftosas saudações".
O Barão de Itararé intitulava seu jornal "A Manha" um órgão de ataques... de riso", e no expediente fazia uma ressalva: "Expediente. Não tem. Jornal sério não vive de expedientes".

escolha a máquina precisa que melhor se adapte às suas necessidades

PRECISA 106
Soma, subtrai, salda e multiplica. É a única somadora manual com memória.

PRECISA 108 manual
Soma, subtrai, salda e multiplica

PRECISA 208 elétrica
Soma, subtrai, salda e multiplica

PRECISA 160
Somadora e multiplicadora elétrica de grande velocidade.

PRECISA 162
Somadora e multiplicadora com memória e tecla "S", para acumulação de totais.

PRECISA 364
Somadora com multiplicação automática abreviada,

PRECISA 164
Calculadora elétrica com multiplicação automática abreviada e memória.

PRECISA 166
Calculadora elétrica com multiplicação e divisão abreviada, totalmente automatizada, e com memória.

PRÁ QUÊ UMA LINHA TÃO GRANDE DE MÁQUINAS?

Pela simples razão de que, com muitos modelos, V. pode escolher a máquina certa para o trabalho certo. V. jamais escolheria u'a máquina grande quando uma pequena pode fazer o mesmo serviço... ou vice-versa. Prá que gastar mais cruzeiros se um modêlo mais econômico pode fazer o mesmo serviço?
O que nós queremos é vender a máquina que V. realmente precisa.

Vendas e exposição
ORGANIZAÇÃO Ruf S.A.
Equipamento para escritórios

Rio de Janeiro: Rua Debret, 79-A. .... Tel. 32-6767
São Paulo: Rua da Consolação, 41.......... Tel. 239-0811
Curitiba: Rua João Negrão, 45, s/ 10.......... Tel. 4-6822
Belo Horizonte: Av. Afonso Pena, 941 .... Tel. 24-3733
Recife: Rua Vigário Tenório, 213.......... Tel. 4-0911
Pôrto Alegre: Rua dos Andradas, 1234 .... Tel. 4-9850
Passo Fundo: Rua Independência, 506, RGS.

Record 9297

Tudo o que começa bem, termina bem.

Lembra como começou a sua vida
n comum com o Volkswagen?
Êle sempre foi um companheiro
e confiança desde o primeiro dia.
Nas tarefas fáceis, e naquelas
ão tão fáceis.
Pois mesmo quando v. exigia
ongas viagens dêle, sem parar, êle
amais ferveu.
Graças a seu motor refrigerado a ar.
E quando v. andava por estradas
heias de água e lama, êle também
ão reclamava.

Graças à chapa de aço que fecha o chassi embaixo.
Êle também nunca quebrou mola alguma, no meio de um caminho esburacado.
Porque usa barras de torção, em vez de molas.
E em troca de tudo isso, êle nunca exigiu muito.
Sempre se contentou com pouca gasolina, pouco óleo, pouca oficina.
Muito bem.
Mas digamos que v. resolveu vender o seu Volkswagen.
Como serão as coisas nessa hora?
Nós sabemos: tudo vai terminar bem.
Sempre tem gente querendo pagar um bom preço para ter tudo aquilo que v. teve com o seu Volkswagen. E êsse dinheiro já é boa parte do que v. precisa para começar tudo de nôvo.

Comprar um Volkswagen "O" km, com aquela certeza de que tudo o que começa bem, termina bem.

Revista Semanal de Informação

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA
Diretor de Publicações: Roberto Civita

REDAÇÃO

Diretor
Mino Carta

Editôres: José Roberto Guzzo, Roberto Muggiati, Sebastião Rubens Gomes Pinto, Sérgio Pompeu, Ulysses A. de Souza
Secretário de Redação: Henrique Caban
Chefe de Arte: George B. J. Duque Estrada
Editôres Assistentes: Carmo Chagas, Carlos Soulié do Amaral, Geraldo Mayrink, J. Salomão D. Amorim, José Ramos Tinhorão, K. Matsumoto, Leo Gilson Ribeiro, Luis Gutemberg, Luiz Lobo, Paulo Cotrim, Raimundo R. Pereira, Renato Pompeu, Roberto Pereira, Sérgio Oyamá
Repórteres Especiais: Alceu Nogueira da Gama, Antônio E. Teixeira, Armando Salem, Fernando Semedo, Hamilton de Almeida, Nilo Martins, Norma Freire, Silvio Sena
Redatores: Beatriz Horta, Dorrit Harazim, Eduardo Kugelmas, Harry Laus, Hersch Schechter, José Carlos Abbate, Luis Adolfo Pinheiro, Pedro Cavalcanti, Silvio Lancellotti
Repórteres: Adilson Pereira, Antonio C. Augusto, Anthony de Christo, Antônio de Alcântara Cabral, Arthur Ramirez, Cecilia Finger, Celso Ming, Claudio Lachini, Dirceu Brisola, Eda Maria Romio, Eliana Machado, Enio Squeff, Geiza Mello, Guilherme Veloso, Guiomar Rogê Ferreira, Hayle Gadelha, Helio Gama Filho, Ione Campos Cirilo, Isa Basbaum, J. A. Dias Lopes, Laerth Pedrosa, Léa Ancona Lopes, Magno Dedonas, Maria Alice Machado, M. da Penha Delia, Mariza Correa, N. Pedra Gandara, Neide Martins, Pedro Maia Soares, Raul Cruz Lima, Roberto Muller, Sônia Beatriz, Tarik de Souza, Thereza Linhares
Fotógrafos: Amilton Vieira, Carlos Namba, Cristiano Mascaro, Geraldo Guimarães
Arte: Ademar Assaoka, Américo Ietto Filho, Hélio de Almeida, José Bigatti, Pedro de Oliveira, Gilberto Pascoal (mapas)
Produção: Alexandre Deunt Coelho, Carlito Nucci, Edgard M. Catoira, Engelber A. Paschoal
Colaboradores: Arte: Clarival Prado Valladares. **Cinema:** Ely Azeredo, Jean-Claude Bernardet, José Rubem Fonseca, Marco Antônio Menezes, Maurice Capovilla, Mauricio Rittner, Paulo Mendonça, Valério Andrade. **Livros:** Bruna Becherucci, Dirceu Nogueira Magalhães. **Música:** Eurico Nogueira França, Júlio Medaglia. **Rádio & TV:** Maria Alice Barroso. **Medicina:** Irany Novah Moraes
Diretor de Fotografia: Lew Parrella
Gerente de Produção: Arno Langer / João J. Noro

Bureaux

Rio — Diretor: Odylo Costa, filho / **Chefe de Redação:** Luiz Garcia / **Repórteres:** Carlos Leonam, Christina Autran, Denubio Rodrigues, Gastão F. Patusco Filho, Jairo Martins, Marcos de Sá Correa, Maria Helena Dutra, Nelson Silva, Oliveira Bastos, S. Proença Leitão, Silvia Távora, Stela Polanah, Yllen Kerr / **Fotógrafos:** Antonio Andrade, Darcy Trigo
Av. Presidente Vargas, 502, 15.º, fone: 23-8913, Telex: 031-451
Brasília — Diretor: Pompeu de Sousa / **Chefe de Redação:** Almir Gajardoni / **Repórteres:** Afonso de Souza, Evandro Paranaguá, Fernando Sylos, J. Carlos Bardawil, Renato V. Soares / **Fotógrafo:** Luiz Humberto
Ed. Central, salas 1201 e 1208 — Setor Comercial Sul, fones: 43-4000, 43-4823, 43-4889 — Telex: 041-254
Belo Horizonte — Chefe: Alberico Souza Cruz / **Repórter:** Geraldo Augusto dos Reis / **Fotógrafo:** Guinaldo Nikolayewsky
R. Espírito Santo, 466, salas 707 e 708, fone: 22-3720, Telex: 037-224
Curitiba — Elmar Bones da Costa
Ed. Galeria Tijuca, Largo Frederico Faria de Oliveira, conjuntos 1516/7, fones: 4-9634 e 4-6599
Pôrto Alegre — Chefe: Paulo Totti / **Repórter:** José Antonio Severo
Av. Otávio Rocha, 115, sala 511, fone: 4-4825
Recife — Chefe: J. Carlos Rocha / **Repórteres:** Franklin Campos, José Saffioti Filho, Gilberto Pauletti / **Fotógrafo:** Clodomir Bezerra
R. da Concórdia, 153 — Ed. Cidade de São Salvador, salas 502 e 503, fone: 4-4957
Salvador — Hesio A. Pessali
Travessa Bonifácio Costa, 1 — Ed. Martins Catarino, sala 1302, fone: 3-2482
Nova York — Paulo Henrique Amorim. 11 W. 42nd Street, Telex: 423-063

Correspondentes

Aracaju: Raimundo L. da Silva / **Fortaleza:** Sérgio S. Telles / **Florianópolis:** L. Gonzaga de Bem / **João Pessoa:** Martinho M. Franca / **Maceió:** J. Otávio Rocha / **Natal:** Francisco Berilo Wanderley / **Niterói:** Carlos C. Rangel / **São Luís:** Edson Vidigal / **Teresina:** Deoclécio Dantas / **Livramento:** Osmar Trindade

Departamento de Documentação

Samuel Dirceu (Chefe), Antonio Zago, Dilico Covizzi, Eloá Jacobina, Fernando Rios, Irede A. Cardoso, Irena Hirschberg, João Guizzo, Regina Vianna, Sérgio Capozzi, Ubirajara Forte, Waldimas N. Galvão
Assessor do Diretor Responsável — J. R. Franco da Fonseca

Serviços Internacionais

Newsweek/Paris-Match/Associated Press/Matérias Internacionais Via Varig

Pesquisas

IBOPE (discos), IEPEC (livros)

ADMINISTRAÇÃO

Diretor, Divisão Revistas: Domingo Alzugaray
Diretor de Publicidade: Salviano Nogueira
Diretor Comercial, VEJA: Paulo Augusto de Almeida
Diretor de Publicidade, Rio: Sebastião Martins
Gerente de Publicidade, S. Paulo: Oscar Colucci
Gerente de Publicidade, Rio: Ricardo Tadei
Gerente de Serviços Editoriais: Roger Karman
Representantes: São Paulo: L. A. R. Frota, Paulo Dias Pini, Pérsio Brait Pisani, Gianfranco Dal Bianco / **Rio:** Hernâni D. Maia, F. Paula Freitas / **Pôrto Alegre:** Rubens Molino (Gerente) e Elcenho Engel / **Belo Horizonte:** Sérgio Pôrto / **Curitiba:** Edison Helm / **Recife:** Antônio Lyra Filho

•

Diretor de Operações — Richard Civita
Diretor Editorial — Luis Carta
Diretor de Relações Públicas — Hernani Donato
Diretor — Escritório Rio — André Raccah

•

Diretor Responsável — Edgard de Silvio Faria

VEJA é uma publicação da Editôra Abril Ltda. / Redação: Av. Otaviano Alves de Lima, 800, fone: 62-1171, Telex n.º 021-113 / Publicidade e Correspondência: Rua João Adolfo, 118, 9.º andar, fone: 239-1422 / Administração: R. Emilio Goeldi, 175, São Paulo / Distribuição exclusiva para todo o Brasil da Distribuidora Abril S.A. Preços: exemplar avulso — NCr$ 1,00 acrescido de NCr$ 0,08 para porte registrado superfície e NCr$ 0,36 para porte registrado aéreo, em todo o Brasil. Assinatura semestral — NCr$ 26,00 acrescido de NCr$ 2,08 para porte registrado superfície e de NCr$ 9,36 para porte registrado aéreo. Para assinatura anual êsses valôres deverão ser dobrados. Nenhuma pessoa está credenciada a angariar assinaturas desta publicação. Se fôr procurado por alguém, denuncie-o às autoridades locais. Números atrasados: no Rio, R. República do Líbano, 19; São Paulo, R. Brigadeiro Tobias, 773. Pelo correio: C.P. 7901 / Impresso em oficinas próprias e nas da S.A.I.B. — Sociedade Anônima Impressora Brasileira, São Paulo.

CARTA DO EDITOR

A partir desta edição, VEJA apresentará tôdas as semanas uma nova seção e um nôvo colaborador: humorismo, por Millôr Fernandes. Carioca do Meyer, 44 anos, descendente de italianos e espanhóis, Millôr começou como desenhista aos dez anos, vendendo um desenho ao "O Jornal" (10 mil-réis), e como jornalista aos treze, na revista "O Cruzeiro". Nela fêz, semanalmente, durante dezoito anos, a seção humorística mais duradoura de todo o jornalismo internacional: "O Pif-Paf", que assinava com o pseudônimo de Emmanuel Vão Gôgo. Como desenhista, os seus lances maiores são o primeiro prêmio, dividido com o célebre artista americano Saul Steinberg, da Exposição Internacional de 1955 do Museu da Caricatura, de Buenos Aires; o segundo prêmio do Salão Canadense de Humor, de 1964, e uma Sala Especial na Trienal de Caricatura de Tolentino, Itália. Seu tríptico "Entêrro de Mondrian", comprado pelo Museu de Arte

ENRICO BIANCO

Millôr, por um amigo de Rolley

Millôr, por êle próprio

Moderna do Rio de Janeiro, mereceu do diretor do Museu, Aluísio de Paulo, a seguinte declaração: "Dia chegará em que os apreciadores virão a êste museu para ver o 'Entêrro', como atualmente vão ao Prado de Madri ver Goya". Diz Millôr: "Exagêro dêle, mas que é que eu vou fazer?"

Millôr porém não parou por aí: escreveu dez peças de teatro (entre elas "Mulher em Três Atos", "Liberdade, Liberdade", "Um Elefante no Caos", "Do Tamanho de um Defunto"), vários livros ("Tempo e Contratempo", "Lições de um Ignorante", "Fábulas Fabulosas", "Papaverus Millôr", "Hai-Kais") e shows para a televisão. Mais: editou revistas por conta própria, traduzia Shakespeare e Molière, fêz cenografia e letreiros de cinema — e ainda teve tempo para escrever uma série de roteiros cinematográficos. "Mas todos deram filmes bem ruinzinhos", diz êle. A filosofia de trabalho de Millôr é "procurar, em cada gesto da vida, o elemento mais importante do espírito humano, ou seja, o senso lúdico, tá?"

Para uma explicação melhor, a palavra fica com o próprio Millôr Fernandes, nas páginas 42 e 43.

Victor Civita

Índice

AFINAL, QUEM AMEAÇA O CONGRÊSSO?

Mais uma vez a oposição denuncia pressões sôbre o Congresso. Desta vez, porém, parece disposta a resistir. Quer medir, a todo risco, a fôrça das ameaças.

LUIZ HUMBERTO

D. Marinho (à direita): tudo ao rei, menos a honra.

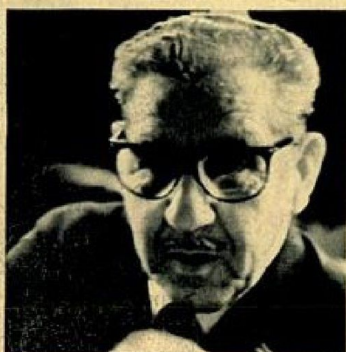
O pior Congresso é melhor do que nenhum Congresso. É uma velha e válida frase repetida com freqüência nos momentos graves para a vida política brasileira. Diante do que está acontecendo em Brasília, onde o Presidente Costa e Silva decidiu convocar o Congresso por um período extraordinário, de 2 de dezembro a 21 de fevereiro, a frase antiga fica entregue ao momento presente e aparentemente cabe nêle com razoável justeza. À primeira vista, a medida parece encobrir uma tentativa de pressão sôbre o Congresso, uma espécie de represália porque a Comissão de Justiça ainda não deu seu parecer sôbre o pedido de licença para processar o Deputado Márcio Moreira Alves. Mas será isso que realmente está acontecendo? Será realmente grave o momento que o Congresso e a política brasileira vivem? A pressão pode chegar até as conseqüências máximas, ao fechamento do Congresso? A oposição está disposta a pagar para ver. É o que diz o Deputado Mário Covas, líder do MDB na Câmara. Êle quer identificar "essas estranhas fôrças que há quatro anos anunciam o fechamento do Congresso para o dia seguinte". Boatos e temores que não deixaram de existir na semana passada, com insinuações, quando menos, de um Ato Institucional, reeditando o episódio de 1965. Mas a dúvida persiste. Pretende-se saber quem teria influído decisivamente na continuidade dessa pressão. Seria o próprio Presidente da República, desgastado na sua imagem política pelas marchas e contramarchas que assinalaram todo o curso do "caso Márcio"? Seria o Ministro da Justiça Gama e Silva, disposto a não aceitar um confronto de seus conhecimentos com os da Comissão de Justiça e que por isso teria influído decisivamente na mudança de seus membros? Seriam as Fôrças Armadas ofendidas pelo discurso do Deputado Márcio, que está na origem do caso? Qualquer que seja a fonte da pressão, um dado pode ter escapado à sua análise: a substituição de alguns membros na Comissão, fato que por si só irritou inclusive deputados da Arena. Um dado que pode influir, ainda que remotamente, na decisão do plenário, que é a que vale. E a oposição sabia disso.

A dona da arma — Arma tradicional da estratégia parlamentar, a obstrução retorna às mãos de quem se diz sua legítima dona: a oposição. Quando a Constituição de 1967 estabeleceu a aprovação de certos projetos de lei — de interêsse do Govêrno — pelo decurso de prazo, essa arma foi lembrada pela Arena, partido da situação, para evitar derrotas na tramitação de leis, como a da sublegenda. Com a discussão do pedido de licença para processar o Deputado Márcio Moreira Alves, do MDB, a obstrução readquire o conceito registrado nos dicionários: meio empregado pelas minorias para dificultar ou impedir o andamento dos trabalhos legislativos. Na semana passada, Mário Covas, líder do MDB na Câmara, ao comandar a obstrução na Comissão de Justiça, pretendia não sòmente impedir a aprovação do parecer ao pedido de licença até o término do ano legislativo do Congresso a 30 de novembro. Pretendia localizar com essa tática a origem das pressões que a Câmara vem sofrendo para decidir logo o "caso Márcio". Pagando para ver, o MDB poderia descobrir de onde vem a pressão, no que concordaria o próprio presidente da Arena, Senador Daniel Krieger. Êle é contra cassação de mandato e tem condenado o comportamento de certos vice-líderes da Arena na Câmara nas marchas e contramarchas registradas até agora.

LUIZ HUMBERTO

A bancada do MDB: pagamos para ver quem nos ameaça.

BETTINA SCHEIER

DARCY TRIGO

A tensão, que diminuíra depois de um encontro do Presidente com deputados, voltou quando Gama e Silva apareceu no Congresso

LUIZ HUMBERTO

Márcio: o réu vai à platéia para receber abraços.

A palavra em dúvida — Com a obstrução o MDB sabe que nada tem a perder. "Nesta altura dos acontecimentos, não cabe nenhum acôrdo de caráter político com a bancada do Govêrno, pela simples falta de garantia de cumprimento da palavra." O comentário do Deputado Mário Covas era dirigido a Geraldo Freire, líder em exercício da Arena, substituindo a Ernani Sátiro, enfêrmo. Naquela altura, quando a reunião da Comissão de Justiça já avançava pela madrugada de sexta-feira, Geraldo Freire usava intermediários — embora estivesse sentado a menos de 3 metros do líder da oposição — para lhe mandar sucessivos recados: "Se a Comissão votar agora, o Govêrno não convoca o Congresso extraordinàriamente". Nenhum dos que transmitiam a proposta — e o Deputado Djalma Marinho, presidente da Comissão, era um dêles — dava qualquer aval à promessa. Mário Covas pensou um pouco, conversou com seus liderados e ainda trocou idéias com alguns deputados da Arena, também contrários à cassação.

Raciocínio em ordem — Mário Covas parecia pensar em voz alta: "Falar diretamente comigo o Geraldo não fala, pois tudo que prometeu até agora, não cumpriu. Desde o princípio, ficou claro que a crise era política e no entanto êle não nos procurou nem uma vez para dialogar. Preferiu simplesmente manobrar com sua maioria. Quando percebeu que poderia perder na Comissão substituiu nove membros do seu partido. Mesmo assim, ainda tem receio de perder, pois esqueceu de substituir alguns suplentes como o Deputado Osni Régis, que está com a gente. Agora, Geraldo propõe que se votarmos na Comissão não haverá convocação extraordinária. Mas não diz o que acontecerá se nós ganharmos na Comissão. Assim, só nos oferecem uma única opção: manter a mesma tática, isto é, obstruir enquanto fôr possível para impedir a votação na Comissão de Justiça da Câmara até o último momento dêste mês de novembro".

A esperança que acabou — No comêço da semana passada, as lideranças mais liberais do Congresso ainda acreditavam numa solução negociada para o caso do Deputado Márcio Moreira Alves. Isso explicaria o esfôrço do Deputado Djalma Marinho em obter do Presidente Costa e Silva a concordância para adiar as decisões, na Comissão e no plenário, para o ano que vem. Não sòmente Djalma Marinho, mas também outros deputados arenistas da Comissão de Justiça — que também conversaram com o Presidente no Rio — voltaram satisfeitos para Brasília, certos de que o Govêrno aceitaria tranqüilamente qualquer decisão tomada na Câmara. Aconteceu então a visita — qualificada por êle próprio como de "mera cortesia" — do Ministro da Justiça Gama e Silva ao prédio da Câmara. Na verdade sua presença terminaria com o curto período de tranqüilidade que reinava entre os parlamentares. Em duas reuniões secretas com os vice-líderes da Arena, o Ministro da Justiça determinou uma reviravolta.

Saber jurídico — Os deputados que se avistaram com o Presidente afirmaram que o Marechal Costa e Silva não teria senão aprovado a providência sugerida pelo seu Ministro da Justiça de pedir licença para processar Márcio por ofensa às Fôrças Armadas. Seguindo conselho de Gama e Silva, professor de Direito, o Presidente não teria imaginado que a decisão do Govêrno poderia causar tanta controvérsia. Por isso a pre-

sença do Ministro Gama e Silva na Câmara foi interpretada por muitos como o interêsse de um jurista em ver prestigiado numa comissão de alto nível técnico o seu ponto de vista. O parecer contrário à licença representaria um sério desgaste para o Ministro. Em entendimentos com o colégio de vice-líderes, principalmente os deputados Cantídio Sampaio, Leon Peres e Alves Macedo, ficou então decidido que o Govêrno forçaria a decisão imediata da Comissão. E mais: seriam afastados daquele órgão técnico os arenistas favoráveis a parecer contrário, numa manobra que é perfeitamente regimental mas que não deixou de causar profundo descontentamento em tôda a Câmara.

Opinião de quem sai — O Ministro Gama e Silva procurou evitar na sua ida à Câmara qualquer discussão política, dando a entender que a visita era realmente de cortesia e para tratar de outros assuntos que não do "caso Márcio". A certa altura, no meio dos parlamentares, preferiu desviar a conversa para assuntos amenos, contando inclusive um episódio de seu tempo de estudante: "Certa vez — dizia êle — queria ver "O Guarani" no Teatro Municipal de São Paulo e não tinha dinheiro: vesti-me de índio e fui. Assisti a todo o espetáculo do próprio palco. Era com a Bidu Saião". Um pouco mais afastado, o Deputado Leon Peres anunciava a um grupo de jornalistas que o Govêrno resolvera exigir da Câmara a decisão do "caso Márcio" até o fim do ano legislativo de 1968. O Deputado Luís Ataíde, da Arena baiana, membro da Comissão de Justiça, não entendia a reviravolta. Era um dos que tinham sido recebidos pelo Presidente, a quem classificara de "um grande estrategista", porque se prestigiasse a Comissão de Justiça "perderia a batalha, mas ganharia a guerra". Ao saber que haveria substituições naquela Comissão para forçar um parecer menos técnico e mais político, Luís Ataíde mudou de opinião, insinuando que o Govêrno "agora vai ganhar a batalha, mas pode perder a guerra".

A nova equipe — Luís Ataíde foi substituído juntamente com oito deputados da Arena (são 21 ao todo) na Comissão de Justiça. Escolhido pelos jornalistas políticos como um dos dez deputados mais atuantes no setor das Comissões, em 1968, Luís Ataíde, referindo-se à sua escolha, pergunta: "E agora a liderança quer me forçar a votar contra a minha convicção, concedendo licença para processar um deputado que falou na tribuna usando prerrogativas inerentes ao mandato? E logo agora que os jornalistas — não são jornalistas que formam a opinião pública? — me distinguem com essa escolha?" Sòmente três deputados com a mesma posição contrária já definida permaneceram ali: o Presidente Djalma Marinho (que anunciou a sua renúncia à presidência e à Comissão após dar o seu voto), Monsenhor Arruda Câmara (membro da Comissão desde 1946 e o único não formado em Direito) e Rubem Nogueira.

Antes e depois — Até a chegada do ofício do líder Geraldo Freire, substituindo os nove deputados arenistas, o MDB poderia somar seus dez votos a êsses nove e mais aquêles três que permaneceram totalizando 22 votos contra a licença, enquanto que a favor restariam nove votos, todos da Arena. Com a alteração, o Govêrno espera modificar êste resultado para dezoito a favor e treze contra a licença. O líder Geraldo Freire

FOTOS DE LUIZ HUMBERTO

A família Moreira Alves assistiu à luta: Marie, espôsa de Márcio, estêve sempre com o marido.

teve ainda que providenciar substitutos para alguns substitutos que não quiseram assumir o lugar na Comissão. O Deputado Clóvis Stenzel, conhecido como porta-voz dos militares da linha dura, foi um dos que recusaram a indicação, argumentando: "Eu combato idéias, não as elimino". E assim o Deputado Stenzel escapou do apelido que o Monsenhor Arruda Câmara deu aos membros substitutos: "Mamulengos". Houve uma corrida aos dicionários para saber o seu significado. Mamulengo é um fantoche muito comum nas feiras do Nordeste.

O dom do silêncio — Apesar de manter sempre o sorriso, mesmo nos momentos mais difíceis, Geraldo Freire tem conversado muito pouco com os jornalistas. Sabe-se porém que êle não está muito à vontade nas manobras políticas que realiza por dever de ofício. Várias vêzes êle defendeu a tese de que o assunto deveria ser tratado normalmente dentro da rotina e dos prazos parlamentares. "Êle é um Daniel na cova dos leões", dizia Manuel Rodrigues, deputado da Arena do Ceará. Como líder, Geraldo Freire, ao notar que a obstrução do MDB surtiria efeito, já que na madrugada de sábado estavam inscritos mais de oitenta deputados do MDB para debater a matéria, requereu o encerramento da discussão numa tentativa de apressar a votação. O deputado Djalma Marinho, ex-udenista como Geraldo Freire, não aceitou o requerimento da liderança. Rosto tranqüilo de juiz contrastando com cabelos ralos em desalinho, o cigarro amassado antes de ser aceso, Djalma Marinho garantiu o integral cumprimento do regimento, citando o escritor espanhol Calderón de la Barca: "Ao rei darei minha coragem, minha fidelidade e minha palavra. Mas minha honra não, pois esta pertence a Deus". A decisão garantiu pràticamente o êxito da obstrução. Na biblioteca da Câmara, aproveitando a tranqüilidade do ambiente, o Deputado Márcio Moreira Alves descansava, preparando-se para a sua longa defesa. Em sua companhia permanecem seus pais e sua mulher Marie, que é francesa. Na batalha da obstrução, Márcio prometia o mais longo discurso de sua vida. Mais longo talvez do que aquêle do então Deputado Carlos Lacerda, que falou dez horas seguidas perante a mesma Comissão, em maio de 1957, quando o Ministro da Guerra, Teixeira Lott, pretendia processá-lo.

Boatos, boatos — Por volta da meia-noite de sexta-feira, quando ficou matemàticamente certo que a discussão não terminaria antes da meia-noite do dia seguinte, vice-líderes da Arena garantiam estar já montado o mesmo esquema que funcionou em 1965, com o General Albuquerque Lima garantindo sua candidatura à sucessão de Costa e Silva, dentro do Govêrno. E tal como naquela época, um ato institucional, prevendo inclusive cassações. Já pela madrugada, o Ministro da Justiça conversava ao telefone com o presidente da Câmara, Deputado José Bonifácio, dizendo que nada haveria contra o Congresso, qualquer que fôsse a decisão da Comissão, ou mesmo que não houvesse nenhuma decisão. Foi aí que suspenderam a reunião e todos foram repousar. E em parte cumpriu-se aquilo que previra o Deputado Mata Machado, do MDB de Minas, ex-UDN, partido afeito à técnica de obstrução: "Desde que Djalma Marinho cumpra, conforme prometeu, o regimento interno, nós poderemos obstruir até março pelo menos". O

FOTOS DE ADÃO NASCIMENTO

Na sala da Comissão de Justiça da Câmara, os oradores se sucediam. A oposição, liderada por Mário Covas (foto à direita), estava decidida a obstruir os trabalhos até a meia-noite de sábado. Os debates prolongados cansaram o Deputado Arnaldo Cerdeira, da Arena paulista, que depois de 48 horas, e de alguns charutos, foi dormir.

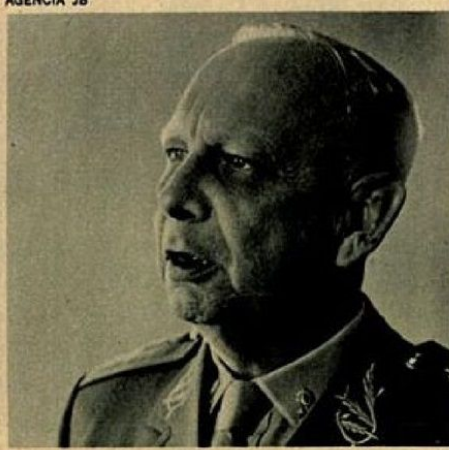
O GENERAL DA NOVA REVOLUÇÃO

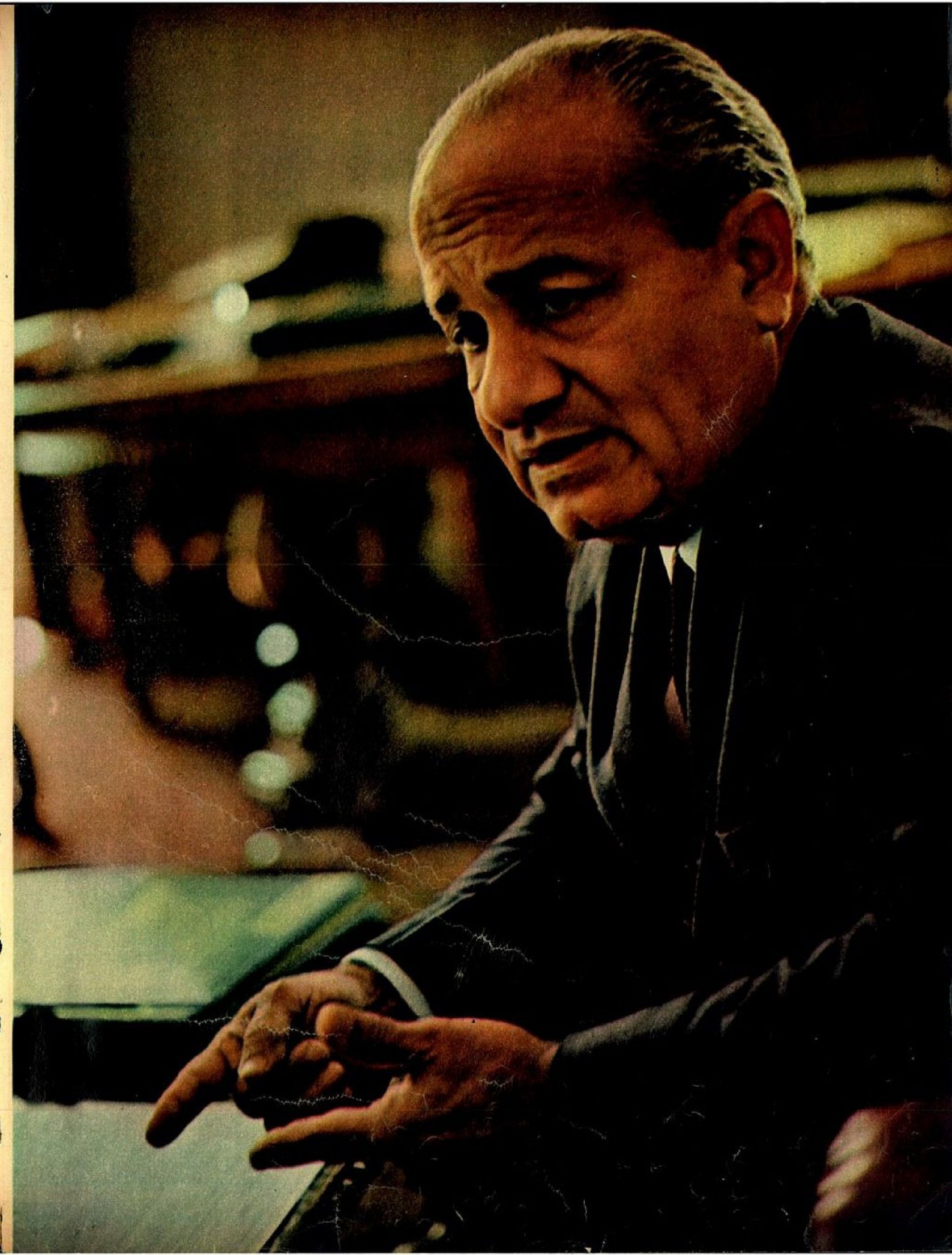
Por que Albuquerque Lima pode chegar ao poder mesmo sem querer

Um católico praticante, conservador, tocado pela idéia das reformas e do desenvolvimento. É o retrato que a família do General Albuquerque Lima, Ministro do Interior, faz de seu chefe. Não é o mesmo retrato apresentado pelo empresário Rui Gomes de Almeida, há dez anos presidente da Associação Comercial do Rio de Janeiro, homem com longa convivência nos bastidores políticos, para quem o General, com um pouco mais de tempo, "empolgará também as esquerdas com suas idéias". Entre as duas visões, aparentemente contraditórias e desconcertantes, começou a crescer nas últimas semanas como forte candidato presidencial. O General desmente. Ainda no fim da semana reafirmou ao próprio Marechal Costa e Silva que não está interessado em ser o nôvo Presidente da República. E denunciou um esquema de divulgação de boatos para incompatibilizá-lo com o chefe do Govêrno. Entre o General e o Marechal — diz Albuquerque Lima — continua a haver a mesma identidade que os levou a participar da Revolução. Mas é inegável que o nome do General de Divisão Afonso Augusto de Albuquerque Lima tem ganho mais espaço nos jornais e a sua imagem começa a se impor fora dos fechados círculos políticos e militares. Aos 59 anos, cearense de Fortaleza, tranqüilo, obstinado e austero, "possui hoje a maior liderança dentro do Exército", segundo revelam vastos círculos militares, e iniciou mais fortemente uma pregação cujas conseqüências ainda não puderam ser devidamente avaliadas. Êle condena "padres e bispos da esquerda festiva que incutem determinados problemas sexuais nos jovens para acabar com a família", condena os estudantes "que fazem o jôgo de grandes grupos econômicos" e a inércia de alguns setores do próprio Govêrno, como o Instituto Brasileiro de Reforma Agrária. Pede ao mesmo tempo o prosseguimento da Revolução — "por dez anos, se necessário, para realizar tudo aquilo que não soube ou simplesmente não teve coragem de fazer" — e um nôvo sistema que, ao lado de um objetivo já existente, a Segurança, alcançasse outro, para êle igualmente essencial e importante, o Desenvolvimento. Há dois meses, falando na Escola Superior de Guerra, Albuquerque Lima já fazia esta significativa advertência: "O Brasil não pode e não deve permanecer tentando a solução de seus angustiantes problemas fazendo uso dos métodos 'ortodoxos'. A nossa realidade está exigindo soluções 'corajosas', diria mesmo 'audaciosas' para o desenvolvimento, fulcro de tôda a estratégia do Govêrno". Essas soluções "corajosas ou audaciosas", ainda não explìcitamente definidas mas sugeridas através de seu comportamento e pronunciamentos, é que fixaram sua posição como líder de uma jovem classe militar ansiosa por reformas — recentemente confessou que "eu nunca vi, no Brasil, Ministro ou general ser prêso, portanto vou fazer, de qualquer maneira, os meus projetos de reforma agrária". Mas essas soluções começaram a inquietar ao mesmo tempo a classe política civil e tradicional, que o General Albuquerque Lima trata com certo desprêzo. Durante o II Encontro do Oeste Brasileiro, em Goiás, disse: "Meu Ministério é zona fechada aos políticos".

Nosso homem — A liderança de Albuquerque Lima nas Fôrças Armadas não é recente e está marcada por vários episódios. Há duas semanas, durante uma homenagem no "Tamandaré", vaso de guerra que abrigou os políticos e militares inconformados com o golpe de novembro de 1955, o Almirante Dantas Torres, comandante da esquadra, afirmou, referindo-se a Albuquerque Lima, que a homenagem era prestada "ao homem que estava interpretando fielmente

Passarinho: tem mais passagem do que o General Afonso nas salas do Congresso.

Andreazza: para alcançar a Presidência não bastam as grandes amizades.

AGENCIA JB

General Lyra Tavares: Campo de Santana é o melhor caminho para o poder.

o pensamento dos revolucionários". Os militares presentes concordaram com movimentos de cabeça. No dia seguinte embarcou para o Nordeste, percorrendo 4 550 quilômetros de via aérea e quase 700 de rodovias — é o Ministro que mais viaja. Na volta ao Rio, grande número de oficiais iria recebê-lo no aeroporto: homenagem de apoio ao General, que fôra violentamente criticado por jornais de São Paulo e do Rio, "por ter precipitado o debate sucessório". Uma falta de coordenação no horário da chegada — que o Ministro acabou julgando oportuna — frustrou a homenagem.

Velha posição — Quando a candidatura Costa e Silva foi colocada, em 1966, o General Albuquerque Lima era chefe do Estado-Maior do I Exército, no Rio. Foi nessa ocasião que o jornalista Paulo Vidal, ex-integrante da FEB, começou a referir-se a êle, em sua coluna no jornal carioca "Tribuna da Imprensa", como "o líder da jovem oficialidade". Os meios políticos já o respeitavam também como uma presença forte no nôvo esquema militar. O ex-Governador Carlos Lacerda, que ainda tinha ilusões de influir na escolha da equipe que iria compor o Govêrno Costa e Silva, recomendava a seus amigos para que procurassem o diálogo com o chefe do Estado-Maior. Seus companheiros revelam que Albuquerque Lima conquistou essa posição de ascendência diante de seus colegas devido a uma longa vida profissional aplicada e desambiciosa. Sempre foi rigorosamente anticomunista, nacionalista e rígido em suas posições. Essa rigidez lhe valeu inclusive várias decepções. No pôsto de coronel foi preterido 28 vêzes em sua promoção. Em 1963, durante o Govêrno João Goulart, Albuquerque Lima estava em tôdas as três listas de promoção — uma por antiguidade e duas por merecimento — e foi preterido assim mesmo. Em 1964, o Presidente Castelo Branco demitiu-o do cargo de presidente da Rêde Ferroviária Federal, por suas divergências com a equipe do ex-Ministro Roberto Campos, do Planejamento. Albuquerque Lima saiu da Escola Militar do Realengo em 1929. Em 1932 — Revolução Constitucionalista de São Paulo — e em 1935 — Intentona Comunista — já comandava a Polícia de Pernambuco, como segundo-tenente. Durante a Segunda Guerra, na Itália, revelou-se um lúcido estrategista. Subcomandante e oficial-executivo do Batalhão de Engenharia de Combate da FEB, o Major Afonso, como o chamavam, foi um dos maiores responsáveis, segundo os companheiros, pelos êxitos da unidade nas operações do Vale do Rio Reno, nas capturas de Castelnuovo e do maciço Belvedere. Obteve seis citações honrosas em três meses. Possui todos os cursos de oficial superior, prefere que o chamem de General e não de Ministro, e costuma repetir: "O que me sinto mesmo é soldado".

AGÊNCIA JB

O General Afonso voltará às fardas: futuro político depende das casernas.

Duas admirações — As posições nacionalistas do Ministro do Interior também não são recentes. Em 1959, ainda coronel, integrou-se como representante das Fôrças Armadas na Sudene — Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste. O ex-dirigente do órgão, economista Celso Furtado, cassado pela Revolução, diria depois que "a Sudene não teria sido o que é, não fôssem os relatórios de Albuquerque Lima para o Conselho de Segurança Nacional", que o ajudaram a resistir à pressão de políticos do Nordeste que combatiam a Sudene. Em seu discurso de posse no Ministério do Interior, em março de 1967, Albuquerque Lima elogiou, em rápida passagem, a obra de Celso Furtado, de quem se tornou amigo. Do ex-Presidente Jânio Quadros conserva também a imagem de um administrador eficiente. Em 1961, como diretor do Departamento Nacional de Obras Contra as Sêcas, Albuquerque Lima recebia freqüentemente pedidos de informações escritos pelo próprio ex-Presidente. De Jânio Quadros êle guarda também uma decepção política, por causa da renúncia à Presidência.

Lado de cá — O nacionalismo de Albuquerque Lima não admite a menor possibilidade de diálogo com os comunistas, no plano interno. Mas uma outra frase sua, surpreendida durante um encontro informal com jornalistas — "existem entreguistas do lado de cá" —, evidencia até onde chegam suas preocupações. Sua pregação — ocupação do território nacional, aproveitamento dos recursos minerais, utilização das grandes bacias fluviais, colonização das fronteiras — implica, segundo observação dos círculos políticos, o predomínio das Fôrças Armadas como executoras dessa política. Um programa dêsse tipo, com tendência para a criação de um partido único, combate rígido aos comunistas, ao lado de uma política exterior que procura jogar com as divergências entre as grandes potências — EUA e União Soviética — para tirar benefício disso, está sendo interpretado em alguns círculos políticos como um modêlo "nasserista" para o Brasil. Alguns lembram ainda, apenas como coincidência, que em 1953, quando Naguib foi eleito Presidente do Egito, o atual Presidente Nasser era seu Ministro do Interior. E para a Junta Militar do Peru que derrubou recentemente o Presidente Belaúnde Terry, acusado de entreguista, Albuquerque Lima teve palavras de simpatia: "Só se recebem pressões quando se permitem. O Peru deu um bom exemplo do mais puro nacionalismo". A Junta Militar, presidida pelo General Juan Velasco Alvarado, também está sendo classificada como "nasserista".

Nos subterrâneos — Colocada nestes têrmos, a eventual candidatura Albuquerque Lima ao Palácio do Planalto enfrentaria um obstáculo: a absoluta falta de receptividade nos meios civis. No Congresso comentam que Albuquerque Lima é um nacionalista, tendendo visìvelmente para a direita. "Mas seria capaz de como no Peru, tomar medidas simpáticas à esquerda", explica Francelino Pereira, deputado da Arena mineira. Para altos escalões militares e também para certos setores civis, o General Lyra Tavares pode ser o candi-